

PROÁLCOOL

É preciso investir no agricultor

por Mateus Kacowicz
do Rio

"O Proálcool é altamente concentrador de renda: se o governo faz um contrato de risco no exterior, podendo perder um monte de dinheiro se não achar petróleo, por que não faz um contrato de risco com o agricultor? Com ele não há risco nenhum: sabe-se de antemão se a terra dele é apropriada ou não para o cultivo da cana-de-açúcar, qual a produção que se poderá obter, tudo. No entanto, esse contrato de risco não se faz, porque se pedem a ele garantias que ele não pode oferecer."

A opinião é de Luiz Lacerda Biagi, vice-presidente da Zanini S.A. Equipamentos Pesados, que tira daí algumas conclusões: "Estão sendo canalizados os recursos públicos (do Proálcool) para uma classe já privilegiada na qual eu próprio me incluo.

Deve-se investir no agricultor, caso contrário, estaremos formando uma classe revolucionária".

Biagi falou ontem à imprensa depois da exposição que fez aos analistas da Abamec sobre as perspectivas de sua empresa. O tema principal foi, entretanto, a Empresa Brasileira de Alcool S.A. — Brasálcool. Segundo Biagi, há várias questões cercandando o Proálcool, que vão desde uma indefinição do governo quanto à fixação de regras de jogo com relação ao que é privado no programa, até uma inércia das empresas automobilísticas, que não estão orientando sua produção para que, em 1985, quando houver uma oferta de sete bilhões de litros de álcool, haja um milhão de automóveis nas ruas.

AMEACAS

As restrições que têm surgido com relação a Brasál-

cool, tanto nas áreas técnicas como políticas, são resumidas por Biagi, que, em vez de restrições, as classifica como "ameaças" ao projeto da Zanini-Dedini: "Diz-se que a Brasálcool é o caminho que propiciará à Petrobrás o monopólio do álcool; diz-se também que é a porta de entrada para as empresas multinacionais; diz-se também que a Brasálcool é uma forma de a Zanini e Dedini venderem equipamentos".

Seus argumentos com relação a cada uma dessas acusações, ou "ameaças", são, de alguma forma, uma reivindicação da fixação das regras do jogo do álcool. "A Petrobrás", diz ele, "quer o monopólio da distribuição de álcool, mas eu acho que quanto mais gente no mercado, melhor." Essa questão é importante para o produtor, que quer saber o que é monopólio e o que é privado nesta área, pa-



Luiz Biagi

ra poder investir maciçamente. "De qualquer forma", continua Biagi, "a Petrobrás tem 50 mil funcionários, todos brasileiros, e já conseguiu um grande know-how na indústria petroquímica e agora pode redimir-se, com o álcool, de não ter achado petróleo."

Com relação à possibilidade de a Brasálcool vir a se tornar a porta de entrada de multinacionais, Biagi diz que, de um lado, as multinacionais dos automóveis não estão interessadas na produção de álcool, mas em continuar fazendo automóveis; no máximo elas poderiam contribuir para a produção de álcool de modo a viabilizar a sua atividade principal. De outra parte, as multinacionais da distribuição se satisfariam com uma pequena parcela do bolo: "O interesse das distribuidoras é acordar com a Petrobrás um lugarzinho para distribuir álcool — a Petrobrás repassando a elas —, embora, numa primeira posição, elas pretendam ter acesso direto ao álcool nas distilarias. O que eu desejava é que qualquer empresa pudesse distribuir o álcool: se a Coopersucar vende dois e meio bilhões de litros de álcool às donas-de-casa, ela poderia vender também em postos".

A última "ameaça" Biagi repete como sendo "intrigas da oposição": "A acusação de que a Zanini e a Dedini pretendem se transformar num oligopólio e venda de equipamentos é feita pelas multinacionais interessadas em exportar esses equipa-